EDITORIAL

DENISE D'AURIA-TARDELI

O editorial desta edição chama a atenção para o seguinte tema: a escola como palco da (des)estruturação das identidades jovens.

Neste semestre, o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) promoveu uma série de seminários sobre o tema da violência, em decorrência do atentado à escola de Suzano-SP, ocorrido em fevereiro deste ano. Professores dos programas de *Stricto Sensu* de várias áreas participaram e trouxeram suas contribuições para o debate coletivo de uma temática tão preocupante para toda a sociedade. Nossa atuação tratou do tema a partir da perspectiva dos adolescentes, pois uma questão nos instiga: por que os jovens autores do ataque escolheram a escola onde estudavam para manifestar toda sua ira, raiva e frustração?

Iniciamos a discussão relembRANDO alguns fatos:

- em 1999, na *Columbine High School* – Colorado/EUA, caso que ficou bastante conhecido pela mídia mundial, dois jovens de 17 e 18 anos matam 15 pessoas e depois se suicidam. Eles entraram na escola com armamento pesado de guerra comprado pela internet.
- em 2002, numa escola em Enfurt, Alemanha, um jovem de 19 anos que havia sido expulso da escola por falsificar documentos, entra na instituição com roupas de guerreiro ninja e mata 17 pessoas, se suicidando depois.
- em 2007, na *Virginia Tech University* – Virginia/EUA, um jovem sul-coreano mata 32 pessoas e depois se suicida.

- em 2009, numa escola em Winnenden, Alemanha, um adolescente de 17 anos, ex-aluno, mata 16 pessoas e depois se suicida.
- em 2011, numa escola no bairro do Realengo – Rio de Janeiro, um jovem de 23 anos que sofria *bullying*, ex-aluno da escola, mata 13 adolescentes e depois se suicida.
- em 2017, no Colégio Goyazes – Goiânia/MT, inspirado no caso *Columbine*, um adolescente de 14 anos, que sofria *bullying* e era considerado tímido, matou duas pessoas. Atualmente está na detenção para medidas socioeducativas.
- em 2018, na *Santa Fe High School* – Texas/EUA, um adolescente de 17 anos matou 10 pessoas e deixou 10 feridas. Usou um revólver calibre 38 do pai, mas não teve coragem para se matar no final, conforme planejado. Atualmente está preso.
- ainda em 2018, na *Marjory Stoneman Douglas High School* – Florida/EUA, um jovem de 19 anos que havia sido expulso da escola por “motivos disciplinares”, matou 17 pessoas. Atualmente também está preso.
- e neste ano de 2019, o caso que completa a lista dos massacres mais chocantes em escolas, dois jovens de 17 e 24 anos entram na Escola Professor Raul Brasil – em Suzano/SP, matam oito pessoas e ferem nove usando arco e flecha e depois se suicidam.

POR QUE A ESCOLA É PALCO PARA ESTAS TRAGÉDIAS?

Em uma definição bem sucinta podemos afirmar que a escola é um espaço de aprendizagem, mas o mais importante é que ela tem uma função social que deve ser levada em conta – é um ambiente em que identidades são formadas. Para a construção de personalidades saudáveis modelos significativos são importantes,

assim como a boa convivência, a construção de relações interpessoais respeitadas, além de valores morais desenvolvidos fundamentalmente pela liberdade de expressão, aceitação e respeito às diferenças. Todos estes elementos são essenciais para o desenvolvimento de personalidades éticas e solidárias.

Mas se escola se mantém segundo um padrão coercitivo que favorece as relações hostis e a opressão as relações se tornam hierarquizadas, assimétricas e desiguais, causando uma convivência baseada no respeito unilateral, ou seja, imposto pela força e violência. Neste ambiente, as punições são usadas para “modelar” comportamentos e não para formá-los.

Ambientes escolares coercitivos são propensos ao *bullying*. Segundo a *American Association of Suicidology*¹, 20% dos estudantes de Ensino Médio já pensaram em suicídio nos últimos 12 meses, sendo que o *bullying* e a rejeição social lideram a lista dos motivos apontados.

As consequências do *bullying* são muito graves tanto para a vítima (alvo) quanto para o agressor (autor). Quem sofre bullying geralmente apresenta queda no rendimento escolar e na aprendizagem, desenvolve ansiedade, depressão, baixa autoestima, chegando muitas vezes a cometer suicídio. Inicialmente na escola, em seguida nos relacionamentos e posteriormente no ambiente de trabalho, o indivíduo entra em um efeito cíclico que não consegue romper sozinho.

O agressor também sofre porque geralmente apresenta falta de adaptação aos objetivos escolares e à aceitação de normas e regras, consolidando atitudes agressivas em todas as áreas de sua vida, principalmente nos relacionamentos afetivos, além de apresentar propensão para adotar comportamentos marginais.

O QUE PODEMOS FAZER?

Nós educadores temos o dever de consolidar uma *cultura do sentido* em nossas escolas. Sentido de quem somos, sentido

¹ <https://www.suicidology.org/>

do pertencimento, sentido das habilidades e competências para a construção de um plano de vida ético, para uma vida que faça sentido na expansão de si mesmo.

A escola deve despertar a autonomia em seus alunos, desenvolver a *cultura do respeito*, incentivar o convívio democrático, a cooperação, um ambiente justo e inclusivo, ademais de relações interpessoais saudáveis.

Escolas onde há vida coletiva, princípios evidenciados, virtudes valorizadas, respeito e mérito exigido e, principalmente, propostas e projetos conseguem amenizar conflitos e promover a construção de identidades éticas.